

# DEPOIMENTOS

## A era da poluição

JOSÉ MARIA MERCIER MARQUES

*Engenheiro Químico (I.C.T. — Toulouse)*

Com todas as reservas que tão resvaladiço terreno impõe, calculam os geólogos que o nosso planeta deve já contar a bonita idade de cerca de três biliões de anos. A aparição do homem à sua superfície é muito mais «recente», porquanto, datando dos princípios do quaternário, «apenas» roça pelos dez mil séculos. Do período que decorre desde o seu advento até à invenção da escrita, isto é, a pré-história, o homem deixou-nos provas da sua inteligência e vocação industriosa através de inúmeros vestígios arqueológicos, demonstrativos da sua vontade de sobreviver num meio hostil, que o força a buscar abrigo e a fabricar armas para caçar e defender-se, objectos de uso comum, agasalhos e adornos.

Do paleolítico ao neolítico, da idade do cobre às do bronze e do ferro, o «homo sapiens» não cessa de nos surpreender com o contínuo desenvolvimento da sua indústria, longínqua percursora da nossa, caminhando de progresso em progresso, até à civilização de que disfrutamos hoje.

Mas, se por um lado, esta penosa escalada no tempo, documenta claramente as suas magníficas possibilidades, por outro, verifica-se agora que não há bela sem senão, e que há que pagar à civilização por ele criada, o pesado tributo de combater os malefícios que, dramaticamente, ela lhe apresenta, conjuntamente com suas vantagens. De facto, a nossa civilização, baseada no desenvolvimento científico e tecnológico, exige uma intensa industrialização e multiplicação prodigiosa dos meios de transporte rápidos, indispensáveis à solução dos problemas originados pelo explosivo aumento das populações do mundo.

Ao século passado, devido ao admirável surto industrial que o caracterizou se chamou o do vapor, da indústria, do carvão, do aço...

Ao nosso, o têm cognominado, sucessivamente, de século da hulha branca, da electricidade, do petróleo, da velocidade, do automóvel, do avião, dos plásticos, da energia nuclear e, ultimamente, da conquista espacial. Todas estas designações traduzem a rapidez com que se sucedem as mutações de que o globo está sendo teatro. Todas elas correspondem a progressos científicos, tecnológicos e industriais vertiginosos, que alteraram as condições de habitabilidade do planeta, tal a quantidade de produtos residuais que se lançam na atmosfera, nas águas dos rios e dos mares, cuja poluição crescente há muito ameaça a vida dos homens, dos animais e das plantas.

Começou, assim, para o homem um tempo que, à falta de melhor, bem poderá classificar-se de «Era da Poluição». Esta, na realidade, está a tornar-se extremamente perigosa pois invade já todo o espaço em que se desenrola a existência humana, urgindo combatê-la decidida e corajosamente se se quiser evitar uma catástrofe que se avizinha a passos largos.

Alguns casos ocorridos não há muito tempo, constituíram sinais de alarme que é bom não esquecer, designadamente o causado pelo «smog» em Londres, que vitimou milhares de pessoas; o do envenenamento das águas do Reno por pesticidas, que matou milhares de peixes; o do extravasamento do petróleo no mar, proveniente dum barco-tanque abalroado que se partiu em dois, facto que causou a morte de um número incalculável de aves marinhas e de peixes.

Além da poluição química da atmosfera por gases e fumos de combustão, que se evolvem das chaminés das fábricas, das instalações domésticas de aquecimento, dos escapes dos veículos automóveis e dos aviões, aumentando perigosamente

os teores de SO<sup>2</sup>, de CO e de CO<sup>2</sup>, sem falar de outros de menor importância, há a considerar a dos rios e dos mares devida ao caudal de efluentes industriais e de explorações mineiras, todos susceptíveis de afectar a saúde do homem, dos animais e das plantas.

O emprego desregrado dos pesticidas na agricultura, o uso generalizado de detergentes sobre os quais as bactérias não exercem qualquer acção biológica depuradora, são outros factores de poluição química cujos malefícios estão em contínuo progresso.

Se juntarmos a estes, os que resultam do uso e abuso que o homem faz das drogas químicas, tais como calmantes, tranquilizantes e certos medicamentos, o dos perfumes sintéticos e cosmética, dos alimentos contendo conservantes, corantes e edulcorantes, dos plásticos e têxteis artificiais, chega-se à conclusão que a humanidade ingere, aspira e vive em contacto quotidiano com produtos químicos de maior ou menor toxicidade, mas cuja acção sinérgica pode afectar os seus sistemas circulatório, respiratório, nervoso, digestivo, renal, etc., com consequências que já estão à vista. Acresce que à poluição química das águas dos rios e dos mares se junta a de origem biológica, causada pelos esgotos não depurados dos grandes aglomerados populacionais.

Não são de desprezar também os inconvenientes da poluição de natureza física, entre os quais os provocados pelos ruídos e vibrações que, incessantemente põem à prova o nosso equilíbrio nervoso. A intensa circulação automóvel, dos aviões e caminhos de ferro, as grandes concentrações industriais, são fontes inesgotáveis de ruídos e vibrações que mantêm um estado de excitação permanente durante o dia e sobressaltam e interrompem o sono reparador durante a noite.

Deve, porém, anotar-se que não são apenas os factores de poluição que ameaçam a saúde do corpo, os únicos a temer. Não são menos para rezeir os que afectam a saúde mental do homem, assunto delicado que hesito em abordar, sabendo de antemão que ele não só não acordará eco favorável, mas que, pelo contrário, suscitará em muitos reacção de desagrado.

Refiro-me, em primeiro lugar, à poluição pela música, literatura e artes plásticas, cujos actuais aspectos me parecem merecer certa atenção. Divorciadas abruptamente dum passado que constituía património precioso da humanidade, as manifestações artísticas de hoje contribuem para criar um estado de choque e de histeria cujas repercussões na saúde mental do homem são já alarmantes.

A música converteu-se em barulho organizado, rítmico, estreitamente aparentado com os batuques das tribos mais primárias. A poesia perdeu a rima e deixou de traduzir qualquer ideia ou pensamento transformada muitas vezes em simples alinhavado de frases sem nexos. A prosa cultivava um estilo «sexy» de gosto bastante duvidoso.

Quanto à pintura e escultura aparecem sob a forma de manifestações infantis de borrões colo-

ridos e de pedras esburacadas. É difícil descobrir-lhes um sentido.

No que respeita a poluição moral, também não são menos dignos de nota os factores que, nos nossos dias, corroem perigosamente a sanidade espiritual das juventudes, conduzindo-as a um materialismo em que se destroçam os padrões criados através dos séculos. As formas hoje adoptadas pela publicidade, assentam em normas inspiradas por um erotismo cujos efeitos comerciais serão, talvez, eficazes mas cujas repercussões morais são fáceis de prever. Como classificar a recente exposição pornográfica de Copenhaga?

A emissão de programas baseados na violência, quer desenvolvendo temas policiais, quer os dos tão apreciados «western» e outros ainda do mesmo tipo, conduzem em linha recta às manifestações violentas, que explicam o assustador incremento de criminalidade juvenil em todos os países do mundo.

Por último, a lista dos factores de poluição ficaria incompleta se não se lhe acrescentasse a muito moderna forma de propaganda política. Na realidade, os processos adoptados não são menos de considerar; insinuando-se subrepticamente nos espíritos, ela provoca uma psicose de agressão que leva a considerar heróis os próprios criminais.

Insensivelmente, a perda da noção de justiça, e a certeza da impunidade, a neutralização dos princípios que regiam o direito internacional, fomentam agora actos de pirataria que constantemente se repetem a ritmo cada vez mais acelerado, concretizados no desvio de barcos e aviões da sua rota comercial e na intervenção estranha nas políticas internas de cada país, sob pretexto de uma justiça social que é apenas um mito ou manifestação hipócrita semeando a confusão e a violência nos quatro pontos cardeais.

Sabemos que os pontos de vista expostos serão por muitos considerados obsoletos, embora não tenham outro mobil que o de chamar a atenção para factos incontroversos e defender uma mocidade sempre generosa e bem intencionada na qual repousam as esperanças de um mundo melhor, contra influências nefastas que põem em risco a sua própria segurança futura.

\*

O remédio contra as diversas formas de poluição dos espíritos transcende a missão dos engenheiros.

As poluições química e física, essas, são já objecto das preocupações e estudos de todas as especialidades da engenharia, no mundo inteiro. Os recursos de que hoje dispõem os cientistas e técnicos permitem esperar que os resultados já obtidos continuem melhorando e atinjam plenamente um objectivo do qual depende, talvez, a sobrevivência da humanidade.

A era da poluição há-de passar, como passaram outras que a precederam ■